



casadesarmiento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

LUSITANOS, LÍGURES E CELTAS.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1893 | Número: 10

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Lusitanos, lígures e celtas. *Revista de Guimarães*, 10 (2) Abr.-Jun. 1893, p. 73-88.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

LUSITANOS, LIGURES E CELTAS

(Continuado do n.º 1, vol. VIII)

IV

Ha dois annos que estou á espera da saude que me fugiu e da replica que o sr. Francisco Adolpho Coelho me havia de dar, conforme li em alguns jornaes de Lisboa. A saude parece querer voltar; a replica, essa é que não vem e creio piamente que não virá nunca. Tenho mesmo boas razões para acreditar que o meu demolidor começou a perceber que se ia demolindo a si proprio. Em todo o caso devo deixal-o em paz, enquanto lhe convier passar por morto. Sou forçado, porém, a acrescentar que não perdeu inteiramente o fructo do seu trabalho; as prophcias da sua gloriosa escola nunca mentiram: *Il en restera toujours quelque chose*; e já vimos que o sabio director da *Revue Celtique*, espiritado pelo sr. Coelho, vulgarizou pelos seus numerosos leitores a noticia de que eu reeditava a velha doutrina d'Holtzmann ácerca do germanismo dos Celtas e que, se não affirmei terem os Lusitanos ido á Liguria do Mediterraneo aprender a lingua, em que criaram a sua onomastica, affirmei coisa muito parecida com isso. Estas duas theses são inadmissiveis, diz M. Arbois de Jubainville com toda a seriedade, sem suspeitar que se veria em embarços inextricaveis, se eu lhe perguntasse em que escripto meu a

encontrou ¹. Não pergunto nada; como, porém, fiz voto de aproveitar todas as ocasiões de fallar dos meus Ligures, não desperdigarei a que me offerecem estas duas innocentes calumnias.

*

Sustentei e sustento que os Lusitanos são de origem ligurica e que a sua onomastica deve ser ligurica. Quando aventurei esta opinião, sabia muito bem que M. Arbois sustentava pelo seu lado que os Lusitanos eram de origem iberica e a sua toponymia iberica (basca); mas encontrei tão boas razões para seguir o meu caminho, que me não detive a discutir as opiniões dos outros. As minhas razões são estas. O periplo phenicio do seculo VI, a. C., reproduzido por Avieno na sua *Ora Maritima*, diz-nos que a parte da Hispanha, a contar da bahia do Sado para o norte, se chamava Ophiusa e que ahi habitavam no seu tempo os Cempses e Sæfes, os Ligures e Draganes. Aqui está o texto:

Cempsi atque Sæfes arduos colles habent
Ophiusæ in agro; propter hos pernix Ligus
Draganumque proles sub nivoso maxime
Septentrione collocaverant larem ².

Müllenhoff, decerto por entender que a phrase *sub nivoso maxime septentrione* se referia, não a Ophiusa, mas á parte mais septentrional da Europa, collocava os Ligures e Draganes já fóra de Ophiusa, os primeiros no alto norte, os segundos entre elles e os Sæfes, desde o angulo do Golpho da Gasconha até um ponto x da costa occidental da Gallia ³. Mas esta in-

¹ Tambem quando louva sem reservas o escripto, em que o meu illustre compatriota pretende cortar pela raiz a questão do germanismo dos Celtas no terreno da linguistica, devo acreditar que M. Arbois o leu tanto pela rama, que não reparou em que, separado o que pertence a Glück, W. Stokes e outros sabios, fica um apontado de novidades, que lhe deviam irritar os nervos.

² V. 195-198.

³ Karl Müllenhoff, *Deutsche Altertumskunde*, I, pag. 104 e mappa ao fim do volume.

terpretação é inadmissível por muitas razões. Bastará apontar as seguintes. Da parte mais septentrional da Europa, das regiões geladas da Ursa, não falla claramente o auctor do periplo, mas para nos dizer que ellas estavam despovoadas, em seguida á emigração dos seus velhos occupantes, os quaes por uma coincidência apreciavel se chamavam tambem Ligures ¹. Não podia elle, portanto, pensar em localisar os Ligures da nossa noticia na parte mais septentrional da Europa, que nos pintou como um paiz *cassum incolarum*. Não pôde tambem admitir-se que pozesse os Cempses e Sæfes de Ophiusa em relações da visinhança (*propter hos*) com uns Ligures do alto norte ². Em vista d'estas razões decisivas, é quasi superfluo acrescentar que desde o v. 152 o periplo se occupa exclusivamente de Ophiusa, e que não ha exemplo de que retrograde na sua marcha, para tornar a uma região que já nos deixou descripta ³. Não ha duvida nenhuma que a phrase *sub nivoso maxime septentrione* se refere a Ophiusa, á parte da Hispanha, cujo littoral se prolongava desde a bahia do Sado até o angulo do Golpho da Gasconha. Cempses e Sæfes, Ligures e Draganes habitavam todos *Ophiusæ in agro*; os dois primeiros povos visinhavam pelo sul com os Cynetos ⁴, dos quaes os separava o Sado; pelo norte visinhavam com os Ligures e Draganes, que se tinham estabelecido *sub nivoso maxime septentrione* de Ophiusa, na parte septentrional da peninsula. Os Ligures e Draganes occupavam portanto a Lusitania antiga de Strabon ⁵ e não são outros senão os Lusitanos d'este geographo. Diz mais o nosso documento que, quando os quatro povos nomeados acima entraram em Ophiusa, a encontraram uma *vacua gleba* ⁶ pela emigração em massa dos seus anteriores

¹ *Ora maritima*, v. 130 e seg.

² Para conciliar o texto do periplo com a sua concepção geographica, teve Müllenhoff de inverter a posição dos dois povos; em vez de fazer succeder os Draganes aos Ligures, como se lê no original, fez succeder os Ligures aos Draganes.

³ O que me parece ter contribuido principalmente para a falsa interpretação de Müllenhoff foi persuadir-se elle de que o periplo não tinha uma ordem rigorosa, por haver sido desorganizado pelos seus traductores. Não é aqui occasião propria de demonstrar que não ha nada de menos exacto.

⁴ *Ora Maritima*, v. 200-201.

⁵ A Calceia dos tempos posteriores. Vid. Strabon, III, iv, 20.

⁶ *Ora Maritima*, v. 154-157.

habitantes, que haviam ido domiciliar-se na costa meridional da Inglaterra. Os recémchegados tiveram por isso de criar uma toponymia sua; e dos Ligures e Draganes ¹ não podia deixar de ser genuinamente ligurica.

Aqui estão os argumentos que tenho produzido para affirmar a origem ligurica dos Lusitanos e o ligurismo da sua onomastica, e tenho viva fé que ninguem conseguirá destruir-m'os. Vejamos agora que argumentos produz M. Arbois para estabelecer o iberismo dos Lusitanos e da sua toponymia. Encontramos-os principalmente no n.º 2, vol. III, da *Revue Celtique*, a proposito d'um artigo de A. Pictet, publicado no n.º 4, vol. II, do mesmo periodico. Pictet, como já dissemos, descobrindo pelo noroeste da Africa nomes de rios muito semelhantes aos da costa atlantica da Hispanha, como Ana, Minias, etc., e tendo estes nomes por celticos, perguntava se os Celtas não haviam estendido a sua influencia até áquella região. M. Arbois responde-lhe do seguinte modo: quanto ao Ana, a celticidade d'este nome era impossivel, porque, sendo elle já mencionado pelo periplo phenicio do seculo VI, e não havendo ainda Celtas na Hispanha ao tempo do auctor d'este documento, teriamos aqui nomes celticos antes dos Celtas ². Quanto ao Minias, Tamaris, etc., estes nomes tambem não podiam ser celticos, visto que, segundo o testemunho de Strabon, os Lusitanos eram iberos (bascos); os Callaicos, um ramo dos Lusitanos, conforme o mesmo informador, eram iberos; e, supposto os Celtas viessem mais tarde misturar-se com estes povos, não alteravam a toponymia, que encontravam enraizada, como o não fizeram em parte alguma, muito mais continuando a ser iberica a grande maioria da população, que os precedera ³. Como se vê, M. Arbois considera a prova linguistica de Pictet como uma pura phantasia pela simples razão de estar em conflicto com a historia e com o bom senso. N'isso vai harmonia com o seu processo critico; porque, accentuemos bem este ponto, o processo critico de M. Arbois é o avesso do dos nephelibatas, para os quaes em coisas de ethnologia antiga, « as noticias ethnologicas e ethnographicas dos antigos só têm

¹ N'outro escripto mostrarei que os Draganes são da familia ligurica, bem como os Tartessios, de que os Cynetos eram um ramo.

² Log. cit., pag. 165.

³ Pag. 169.

para nós um valor secundario»; a estas noticias dá elle o lugar de honra, que sempre tiveram e hão de ter; reconhece que são de subido valor os subsidios prestados pela archeologia, anthropologia e linguistica, etc., com a condição de que as descobertas d'estas sciencias não sejam desmentidas pelo testemunho historico. E aqui está porque lhe bastou o testemunho do periplo phenicio e de Strabon, para reduzir a nada a argumentação de Pictet e assentar em que os Lusitanos eram de origem iberica e a sua toponymia iberica. Mas M. Arbois, que segue a boa regra de que o informador mais proximo dos factos prefere a um informador muito mais afastado d'elles, não pôde deixar de conceder-me que a auctoridade do periplo vale no nosso caso infinitamente mais que a de Strabon. Porque preferiu d'esta vez a auctoridade de Strabon á do periplo? Innegavelmente porque leu a *Ora Maritima* com tanta distracção, que as suas indicações ethnographicas, relativas á Lusitania, lhe passaram desapercibidas. A prova está em que ainda na segunda edição da sua grande obra *Les premiers habitants de l'Europe* segue a estranha opinião de Ch. Müller de que a Ophiusa do periplo é Oyarzun, no angulo do Golpho da Gasconha¹. Visto isto, os Cempses e Sæfes, que pelo v. 195-6 habitam *Ophiuse in agro*, deveriam ser collocados pelas immediações do promontorio Easo, e, como pelo v. 200-1 os Cempses e Sæfes visinham com os Cynetos, ahí teriamos os Cynetos occupando toda a costa maritima da Hispanha desde o rio Ana até o angulo do Golpho da Gasconha. Isto basta, penso eu, para me auctorisar a dar por certo que o illustre sabio leu tão distrahidamente o texto da *Ora Maritima*, como o estudo que Müllenhoff consagrou a este celebre documento, ficando d'este modo a desconhecer a mais importante noticia que possuímos ácerca da ethnogenia dos Lusitanos. Certo é, porém, que em face d'ella tanto caem as opiniões de Pictet, suggerindo a celticidade d'esta gente, como a de M. Arbois defendendo o seu iberismo. Sou eu, pois, que posso affirmar, sem receio de desmentido, que a these do distincto sabio é tão inadmissivel, que não resiste á applicação do seu processo critico. Tenho de accrescentar, e vér-se-ha logo por que motivo, que na accusação feita a Pictet de confundir nomes celticos com nomes bascos, pôde quasi dizer-se que o feitiço se

¹ Pag. 263 e 368.

volta contra o feiticeiro. Pictet só deve ser accusado de haver confundido nomes que julgava celticos com nomes liguricos; mas, poisque os Ligures fallavam uma lingua ariana, como pensa M. Arbois e eu creio firmemente, a dechada «estrella celtica» não fica de peor partido n'esta contenda.

*

Os Lusitanos são de origem ligurica; a sua onomastica é ligurica. Tenho a convicção intima de que ninguem destruirá nunca esta verdade historica.

A chegada dos Celtas à Lusitania alterou a sua onomastica primitiva? Quanto á toponymia, já sabemos que a opinião de M. Arbois é negativa: os nomes topicos não podiam deixar de subsistir n'uma região, onde os povos pre-existentes formavam a grande maioria, como elle nota com toda a razão. A toponymia ligurica continuou a mesma. Quanto ao mais, a revolução produzida na Lusitania pelos Celtas seria tão profunda, que só á romana poderia comparar-se. A lingua celtica ¹, diz M. Arbois, fallava-se nas margens do Tejo, do Tamisa, etc., como quem diz em toda a Lusitania, na Inglaterra, etc. Veremos logo em que fundamentos assenta esta nova these. Por agora importa saber se ella está de accordo com o processo critico de M. Arbois; se tem a seu favor algum argumento historico. Eu digo que nenhum. Os unicos Celtas que podiam exercer qualquer influencia na Lusitania eram os chamados Celticos do Ana, uma parte minima, desgarrada das hordas que ficaram pelo Ebro associadas com os indigenas e por isso conhecidas com o nome de Celtiberos. Os antigos escriptores conheciam bem estas populações mixtas e designavam com a denominação de Iberos as que se conservavam estranhas a tal cruzamento. N'este ultimo caso estavam os Lusitanos, como reconheceu Zeuss ² e outros, e o reconhece M. Arbois, quando invoca o texto de Strabon para fundamentar a origem puramente iberica do nosso povo. Os celtiberos estão pois fóra

¹ *Les Celtes et les langues celtiques*, na *Revue Archéologique*, anno xxiii, n.º 3, pag. 143.

² *Die Deutschen*, pag. 162.

da contenda; trata-se unicamente, repito, d'essa turma, que com o nome de Celticos nos apparece nos territorios adjacentes ao rio Ana. Mas os Celticos do Ana não podiam exercer a menor influencia sobre a Lusitania pela razão simples de que nem ahi pozeram o pé. Quando muito estenderam-se até o Tejo, e entre o Tejo e o Ana só podiam encontrar os Cempses e Sæfes, que não tinham nada a vêr com os Lusitanos ¹. Nós sabemos que, como na Celtiberia, tambem aqui, os Celtas se misturaram com os indigenas, pois que Polybio nos assevera que estes forasteiros deviam a sua cultura ao cruzamento e á convivencia com os Turdetanos ². D'este texto se vê tambem que influencia moral podiam exercer sobre os hispanhoes do occidente uns estrangeiros que os Turdetanos tiveram de polir. Eu suspeito muito que os Turdetanos, de que se falla aqui, são precisamente os Cempses e Sæfes, em cujos territorios elles principalmente se estabeleceram; é bem provavel que os Cempses e Sæfes pertencessem á familia tartessia ³. Seja porém como fôr, estes dois povos tinham estado desde tempos antigos em intimas relações com os Tartessios e não devendo attribuir-se-lhes uma civilisação differente da d'estes, não pôde admittir-se que fossem perfúlhar a d'uns intrusos que moralmente valiam muito menos que elles. É bom lembrar que, segundo o mesmo Polybio, n'isto de accordo com todos os antigos informadores, a barbarie dos Celtas, ao apparecerem na scena historica, era tal, que desconheciam todas as commodidades da vida. Não ha que duvidar de que os Celticos adoptaram a ci-

¹ Os Lusitanos, que mais tarde apparecem no sul do Tejo, foram para ahi transplantados pelos Romanos, Strabon, III, 1, 6.

² Em Strabon, III, III, 15. Para maior clareza, escrevi « cruzamento », em vez de « consanguinidade », como se lê em Strabon. Interpretando esta palavra á tôa, não falta quem tenha acreditado na celticidade dos Turdetanos — um povo que existia no sudoeste da Hespanha, seculos antes da chegada dos Celtas. Guilherme Humboldt, com o seu costumado bom senso, commenta assim esta passagem. Damos a traducção franceza: « Il ne faut pas penser à étendre cette consanguinité, selon l'expression même de Strabon, aux Celtiques de l'Anas et de la côte nord-est, car il n'en est nulle part fait mention, et la passage de cet auteur n'est destiné que à montrer les suites de la cohabitation de ces Celtiques avec les Turdétans ». (*Recherches sur les habitants primitifs de l'Espagne*, pag. 130).

³ Vid. *Ora Maritima*, v. 255-259, onde o auctor do periplo reproduz a tradição, que nenhuma razão ha para rejeitar, de que os Cempses tinham habitado primeiramente entre os Tartessios.

vilização dos indígenas. Plínio afirma que elles conservaram alguns ritos religiosos que lhes eram peculiares — o que prova que as suas costumeiras tradicionaes se não propagaram aos povos visinhos, antes ficaram como uma das particularidades que denunciavam o seu estrangeirismo. Em todo o caso o que mais importa é que, estendendo-se os Celticos pelo norte até á esquerda do Tejo, quando muito, nenhuma influencia podiam ter sobre os Lusitanos. É certo que uma colonia sua se fixou pelas immediações do rio Tamaris; mas ninguem se lembrará, cuido eu, de attribuir a esta gente a conquista ou a celtisação do nosso paiz. Estes Celtas não passavam d'um bando de aventureiros, já tão casados com os Turdulos (Cempses?), que planejaram em commum uma empreza para o norte. Chegados ás margens do Lima, as duas hostes desavêm-se e dizimam-se mutuamente, e a celtica, perdido o chefe, apparece-nos mais tarde pelo promontorio Nerio ¹. Bem se vê que a conquista da Lusitania feita por um punhado de homens, que nem pôde levar a melhor dos Turdulos, só poderia figurar n'um conto phantastico, mesmo que não soubessemos que estes mal-fadados aventureiros se foram acantear n'uma região muito bem delimitada. É muito de presumir que se déssem por felizes em adquirir alguns territorios, onde vivessem em boa paz com os naturaes ², como viveram os seus camaradas do Ana, sendo notavel que nem uns nem outros fizessem nunca fallar de si pela turbulencia, que distinguia os seus compatriotas do Ebro. Quanto á civilização que estes Celticos podiam derramar pelos Lusitanos, imagina-se qual ella seria pelo papel que elles representaram ao sul do Tejo, não fallando em que só tem a fortuna de encontrar analogias entre os costumes e usos dos Lusitanos e dos Celtas quem absolutamente desconhece estes assumptos ³. Resulta d'estas observações que não ha « um só texto historico » em favor da conquista da Lusitania pelos Celtas, nem a favor da sua in-

¹ Strabon, III, III, 5.

² D'elles os distinguem formalmente Plínio, III, 3: « Lucensis conventus populorum est XVI, præter Celticos ».

³ De todos os Celtas da Hispanha diz Humboldt, pag. 128: « ... car il est incontestable que ce mélange a moins agi sur l-s Iberes que sur les Celtes, que tous les recits nous representent comme ayant perdu presque intièrement la physiognomie gauloise ».

fluencia moral n'esta região. Haja alguém que demonstre o contrario. Em que argumentos se funda então M. Arbois de Jubainville para sustentar que a lingua primitiva dos Lusitanos foi substituida pela dos Celtas? Unicamente no facto de encontrar na Lusitania o nome de *dunum* e semelhantes, por cuja celticidade jura ¹.

Mas não é isto usar de dois pesos e duas medidas? Quando Pictet affirmava a celticidade dos nomes de Durius, Avus, Minius, Tamaris, etc., M. Arbois oppunha-lhe a historia e o bom senso; agora a historia e o bom senso têm de debandar perante a celticidade do nome de *dunum*. Sou forçado a accrescentar que este exemplo não pôde ser mais desastrado. O *dunum* era, como se sabe, a povoação murada dos altos; e Strabon diz-nos que os Celticos viviam *ferè vicatim* ², isto é, não conheciam dunos. Os Lusitanos não podiam, pois, copiar dos Celticos uma coisa que elles não possuiam. Às avessas, antes da chegada dos Celtas á península iberica, não faltavam povoações muradas nos altos. A ellas se refere innegavelmente o periplo quando escreve:

Cempsi atque Sæfes arduos colles habent
Ophiussæ in agro; propter hos pernix Ligus, etc.

*

Do que fica exposto eu só sei concluir que a linguistica celtica, a unica sciencia que na opinião de muitos é capaz de

¹ *Revue Archéologique*, art. cit., pag. 146. Os celtistas fanaticos talvez se admirem de que M. Arbois deixa de lado os compostos com *briga*. Zeuss, obr. cit., pag. 163, faz a mesma coisa, ao commentar o texto de Plinio, que se soccorria á homonymia das cidades dos Celtiberos e dos Celticos, para concluir que os segundos eram um ramo dos primeiros. A conclusão que tira do seu exame é que do mesmo modo que no sangue, havia mistura na lingua dos Celtas e tal, que o elemento predominante era o iberico. Não passe sem dizer-se que na primeira edição dos seus *Les premiers habitants de l'Europe*, pag. 227-228, M. Arbois não estava longe de pensar que a palavra *briga* podia ser ligurica.

² Strabon, III, III, 15. Não será inutil advertir que nem nos Celticos do Ana, nem do Nerio, ha compostos com *dunum*. Nem na Galacia.

nos aclarar o problema da ethnogenia antiga, se regula por um tal criterio, que chega com Pictet e outros a descobrir nomes celticos antes da existencia dos Celtas. Eu digo Pictet e outros, porque não é sómente Pictet que tem propagado esta falsa idéa. A celticidade do nome do Ana tem sido sustentada, entre outros, por W. Stokes ¹; o nome de Argantonio, o celebre rei dos Tartessios, tem sido alcunhado de celtico ². E todavia nenhum d'estes nomes pôde ser celtico, porque todos elles são já mencionados em documentos, anteriores á chegada dos Celtas á Iberia. O mesmo succede com as Ilhas Britannicas. Para Müllenhof a celticidade dos ethnics Albiones e Hierni era indiscutivel e uma prova de que a Inglaterra e a Irlanda já estava occupada pelos Celtas no tempo do periplo phenicio ³, quando a verdade é que dos textos d'este documento se conclue exactamente o contrario. Holder inclue tambem o nome de Albion no seu *All-Celtischer Sprachschatz*, e W. Stokes vê em Hierne uma palavra celtica, affim do sanskrito *avara* ⁴. Nomes taes como Durius, Avus, Minius, Tamaris, Sala, etc., são celticos para muitos celtistas. M. Arbois dir-nos-ha que todos estes sabios estão em erro; que confundem nomes arianos com nomes bascos; mas naturalmente linguistas como W. Stokes não se conformam decerto com a exauctoração que implica este aresto e têm muitas razões, entendo eu, para tomar pouco a serio as considerações de ordem historica que lhes oppõe o seu adversario, desde que elle as atropella, como vimos, quando chega a occasião de virar folha para celtisar a Lusitania. E todavia não pôde duvidar-se de que entre as affirmativas dos celtistas accusados e as affirmativas da historia existe uma contradicção flagrante: os nomes que servem de corpo de delicto não podem ser celticos. Fiquemos tambem certos de que as affirmativas da historia têm alicerces que a linguistica não conseguirá abalar. Estão os d'esta no mesmo caso? É o que eu não vejo. Para Pictet, Stokes, em summa para todos os celtistas, sem exceptuar M. Arbois, os nomes em discussão

¹ Em Pictet, no artigo atraz citado.

² Holder, *All-Celtischer Sprachschatz*, s. v. M. Arbois presume que o nome de Argantonio seja ligurico. (*Les premiers habitants de l'Europe*, pag. 382).

³ Obr. cit., pag. 96.

⁴ *Revue Celtique*, vol. II, n.º 3, pag. 357. Sobre Albion pôde vêr-se tambem Zeuss, obr. cit., pag. 195.

são celticos, *porque* se decifram satisfactoriamente pelo cambrico e congeneres, que « são a lingua dos Celtas » ; mas não vi que ninguem se dêsse ainda ao trabalho de demonstrar que o cambrico e congeneres eram a lingua dos Celtas. Tenho dito e repito que ninguem o poderá demonstrar com testemunhos historicos. Com testemunhos historicos o que se demonstra é que os Cambrios (e está claro que se applica aos Irlandezes, Gaelos, etc., tudo o que se diga dos Cambrios) nem são de origem celtica, nem perfilharam a lingua dos Celtas ; que a sua lingua é pre-celtica ; e não conheço, nem creio que alguém conheça outro meio de tirar a nossa questão a limpo, a não ser por um severo inquerito historico. Vou entrar mais uma vez n'esta demanda, por descargo de consciencia e só por isso, visto ter-me ensinado a experiencia que perco inteiramente o meu tempo.

*

Os Cambrios não podem ser de origem celtica. Os Celtas, o *novum genus* dos Romanos, distinguam-se de todos os outros povos, com excepção dos Germanos, pela sua estatura agigantada, olhos azues, cabello louro ou ruivo, tez extremamente alva. Este facto, já posto em relevo por Zeuss, foi levado á ultima evidencia por Belloguet ; e hoje só pôde desprezar este subsidio ethnologico algum investigador que ainda ande á procura do que foi encontrado ha muito. Se os antigos Cambrios não apresentaram estes caracteres physiologicos, a sua origem celtica é inadmissivel. Ora sobre este particular temos informações as mais positivas. Ninguem nega que os Silures ¹ fossem os antepassados dos Cambrios e tambem ninguem desconhece a passagem de Tacito, em que o retrato d'este povo está nitidamente desenhado. Tão absolutamente opposto ao celtico era elle, que Belloguet via nos Silures um ramo d'esses famosos Ligures, aos quaes o occidente devia a sua primeira civilisação — doutrina aceite por M. Arbois, com a differença importante de lhes conceder uma lingua ariana. Povos de raça celtica lá existiam na Inglaterra ; eram os Bel-

¹ Silures, Ordovices e Demetas. *Brevitatis causa* só empregaremos o nome dos primeiros.

gas, que em tempos relativamente recentes tinham conquistado o sudeste da ilha. Estes reflectiam tão fielmente o typo celtico, que Tacito os filiava na familia germanica, ao passo que reproduzia a tradição da origem iberica dos Silures ¹. E nem mesmo se pôde pensar n'uma mistura de raças; o contraste dos dois grupos era de tal sorte saliente, que o historiador romano o accentua muito intencionalmente. Os Silures entravam certissimamente na categoria dos autochthonos, de que não falla Cesar, isto é, na categoria dos povos pre-celtas. É impossivel, em vista de factos tão insophismaveis, affirmar a origem celtica dos Cambrios. Eram elles povos celtizados, isto é, tinham perfilhado a civilisação e a lingua dos Belgas, unicos Celtas da Inglaterra? Já seria estranho que um povo tão cioso da pureza da sua raça e que, como se vê, a havia mantido contra a invasão celtica, trocasse a sua civilisação e a sua lingua pela d'uns invasores que devia abominar; mas nós temos provas irrecusaveis de que, até á chegada dos Romanos, os Silures tinham conservado a sua civilisação propria. Por Tacito sabemos que a civilisação dos Silures era a druidica ²; e por Cesar sabemos igualmente que os Belgas não possuíam instituições druidicas ³. É claro que os Silures não podiam copiar dos Belgas, unicos Celtas da Inglaterra, repito, instituições que estes não tinham. Tão claro e decisivo é tudo isto, que chega mesmo a surprehender como o celtismo moderno ⁴ tem podido descobrir na civilisação silurica o cunho d'uma ci-

¹ Tacito, *Agricola*, xi.

² *Annaes*, xiv, 30. Comp. Cesar, B. G. vi, 13, onde pôde vêr-se tambem a razão por que empregamos muito propositadamente a phrase « civilisação druidica ».

³ Vid. *infra*.

⁴ Sabe-se que o celtismo tem passado por umas poucas de phases. Primeiramente os Celtas eram os mais antigos e unicos civilisadores da Europa occidental, remontando á época diluviana, senão a épocas antediluvianas. Am. Thierry abalou este velho dogma com a hypothese d'uns Celtas velhos e d'uns Celtas novos, os ultimos dos quaes não ultrapassavam o seculo vii a. C. Os Celtas velhos de Thierry foram demolidos em seguida; deixemos fallar M. Al. Bertrand: « Avant les découvertes archéologiques de ces vingt-cinq dernières années, les Ligures, les Iberes, les Galls ou Celtes étaient universellement considérés non seulement comme les importateurs de la civilisation en Gaule, mais comme ses plus anciens habitants. Leur arrivée dans le pays passait pour avoir été simultanée. Cette doctrine doit être, aujourd'hui, complètement abandonnée. M. Arbois de Jubainville dans sa sa-

vilisação celtica. É verdade que se dá o caso de que o druidismo, e exactamente o mesmo que vigorava na Siluria, vigorava também na Gallia Central ¹, occupada por Celtas, não havendo nenhuma duvida, em vista do retrato que o auctor dos Commentarios e os historiadores subsequentes nos dão dos seus habitantes e dos Belgas, que ambos os povos pertenciam a uma mesma raça. Aqui temos, pois, uns Celtas com instituições druidicas e, já o dissemos, exactamente as mesmas que as da Siluria; mas basta isto para pôr em duvida a pre-celticidade do druidismo? Vejamos. Cesar diz-nos positivamente que os Celtas da Gallia Central se distinguiam dos Belgas na «lingua, nas instituições e nas leis» ². A não admittirmos que os Celtas tinham duas civilisações e duas linguas, o que por fortuna ainda ninguem se lembrou de defender, ha de admitir-se que um dos dois grupos abandonou a sua civilisação propria pela d'um povo estrangeiro, e naturalmente d'um povo estrangeiro, com o qual se misturou. Qual dos grupos foi? Os Belgas não; porque o mesmo Cesar affirma n'outra parte que os Belgas haviam expulsado das suas conquistas os Gallos pre-existentes ³. Não nos diz que os conquistadores da Gallia Central fizessem o mesmo e, graças aos estudos dos anthropologistas, temos a certeza de que tal não succedeu. Estes sabios confirmaram plenamente a doutrina de Belloguet, demonstrando com numerosos factos que a grande maioria da população da Celtica de Cesar nada tinha de commum com o typo celtico, mas se assimilava muito ao retrato que Tacito nos deixou dos Silures; e por isso se tem hoje por corrente que os Celtas invasores da Gallia Central, em vez de expulsarem as populações que ahi encontraram, se limitaram a escravisa-las. Essa massa de populações não era senão a arraia miuda, de que ninguem fazia caso, diz Cesar; e vê-se que o proprio Cesar era o pri-

vante étude sur *Les premiers habitants de l'Europe*, démontre que l'établissement des Celtes, sur la rive gauche du Rhin, loin de remonter aussi haut, était de date relativement recente. (Em nota: Le VII^e siècle au plus tôt avant notre ère; ils ne se seraient même pas montrés avant le IV^e siècle sur les côtes de la Méditerranée). *Nos origines*, 2.^a edição, pag. 233.

¹ Os Gaulzes iam estudar o druidismo á Inglaterra. Cesar, log. cit.

² Cesar, I, 4.

³ Ibid., II, 4.

meiro a dar o exemplo, tendo apenas olhos para a classe aristocratica e militar, de origem celtica, que punha e dispunha do absoluto poder temporal. Do poder temporal unicamente; porque o espirital estava todo nas mãos do sacerdote druidico. Este, escreve o historiador, além do ensino religioso propriamente dito e d'um ensino philosophico muito afamado entre os antigos, era o depositario das leis, e o seu interprete e executor; concentrava finalmente todos os poderes que regem uma sociedade já culta ¹. Ora não existindo o druidismo entre os Belgas, que eram Celtas sem mistura, e existindo na Siluria e de tal sorte o mesmo, que os neophytos do continente vinham aqui estudal-o, como na sua fonte pura, póde acaso duvidar-se de que os Celtas conquistadores da Gallia Central perfilharam a «lingua, instituições e leis» dos vencidos e que estes povos subjugados eram intimos parentes dos Silures e possuíam a mesma civilisação que estes? Parece que só fechando os olhos á luz da evidencia se poderá desconhecer esta verdade. M. A. Bertrand encontrou a mais feliz das comparações para pintar um tal estado de coisas, quando em 1876 escrevia que os Celtas da Gallia Central, que chamava então Galatas, estavam para o druidismo no mesmo caso, que mais tarde os Francos em relação ao Christianismo ². D'onde se vê que a solução racional do nosso problema está dada ha muitos annos. Se ella não logrou entrar na circulação scientifica, é que contra o celtismo ainda dominante não ha soluções racionaes que vinguem, nem verdades que não estaquem no meio do seu caminho ³. Aqui temos um exemplo da ultima affirmativa. M. J. Rhys, um celtista distincto, como se sabe, pronuncia-se pela pre-celticidade do druidismo ⁴. M. Salomon Reinach não só a sustenta abertamente, mas a exemplo de alguns celtistas antigos sustenta a sua larga diffusão pelo mundo pre-celtico ⁵, e no emtanto estes sabios são partidarios da celticidade da lingua cambrica e similhantes. Mas se o druidismo é pre-celtico; se elle comprehendia o ensino religioso, philo-

¹ Cesar, iv, 13.

² *Archéologie celtique et gauloise*, pag. 412.

³ Segundo parece, M. Al. Bertrand mesmo tem hoje idéas um pouco differentes.

⁴ *Early Britain, Celtic Britain*, pag. 69-70:

⁵ *Revue Celtique*, vol. xiii, n.º 2, pag. 194 e seg.

sophico, as leis, a sua execução, como podia ser celtica a lingua, em que tudo isto estava formulado? ¹

Uma observação de M. Reinach suscita-nos ainda alguns reparos. Entende este sabio que no tempo de Cesar o druidismo gaulez entrava n'um periodo de decadencia, minado pelo militarismo da classe militar e adduz como prova a ausencia dos druidas na guerra da independencia. Este facto torna-se tanto mais saliente, quando se attenta no papel representado pelo druidismo silurico em circumstancias identicas. Na guerra da independencia silurica os druidas occupam o primeiro plano; a classe militar é como que o braço que executa e nada mais; mas a differença explica-se muito naturalmente na nossa hypothese. Na Siluria, ainda ao tempo da conquista romana, havia uma sociedade perfeitamente homogenea, com uma só alma, uma unica aspiração; padres, magnates e povo pugnavam pela sua liberdade e autonomia, defendiam os interesses communs da sua nacionalidade e nada admira que a direcção da grande empreza fosse confiada á classe mais illustrada, que era o sacerdocio. Na Gallia Central as condições são muito outras. O sacerdocio e o povo deviam odiar a classe militar, composta d'esses conquistadores celtas, que haviam tyrannizado o seu paiz; e, se estes barbaros deixaram aos padres a direcção d'uma sociedade que não sabiam governar, é de vêr que reservariam para si todos os poderes que contendessem com coisas militares, cortando toda a ingerencia que n'ellas podia ter um sacerdocio, cuja dedicação lhes devia ser mais que suspeita. Na chamada guerra da independencia da Gallia jogava-se propriamente a manutenção do poderio temporal d'esses conquistadores estrangeiros, ameaçado pela politica romana; e ninguem poderá jurar que o sacerdocio e a arraia miuda não fizessem votos secretos pela victoria dos Romanos, na certeza de que a dominação nova não podia ser nem mais despotica, nem mais anarchica que a antiga. De resto, eu não vejo que dos textos de Cesar se possa inferir que, no seu tempo, o poder espirital

¹ E volta sempre a questão: os Celtas tinham duas linguas, visto dizer-nos Cesar que os da Gallia Central e os da Belgica fallavam linguas differentes? A objecção que o historiador alludia a dialectos d'uma mesma lingua parece-me abaixo de toda a critica, admittido, como se admite, que a lingua dos Aquitanos era o basco, e sabido que a affirmativa de Cesar abrangia os Belgas, os Gaulezes e os Aquitanos.

dos druidas gaulezes fosse menos preponderante, que o dos Silures. Volto ao ponto de que fui obrigado a afastar-me. Em face da historia nem é possível admittir a origem celtica dos Cambrios, nem a sua celtisação. Até a invasão romana, os Silures, Ordovices, Demetas, e provavelmente tambem os Dumnonios da actual Cornwall, tinham sabido manter a sua autonomia e nacionalidade, as suas tradições e lingua: estas ultimas nem a dominação de Roma conseguiu desenraizar. A sua lingua era pre-celtica, e sendo ariana, como ninguém contesta, só pôde pertencer aos Ligures arianos de M. Arbois de Jubainville — esse povo, que, no entender d'este sabio, importou para o occidente a agricultura, o conhecimento do bronze, em summa a primeira civilisação digna d'este nome. Assim se explica muito bem que os celtistas encontram pelo littoral do Atlantico e antes do apparecimento dos Celtas nomes decifraveis pelo cambrico e congeneres, nomeadamente na Lusitania, occupada por povos da familia ligurica.

Guimarães — Janeiro de 1893.

(Continúa).

F. MARTINS SARMENTO.